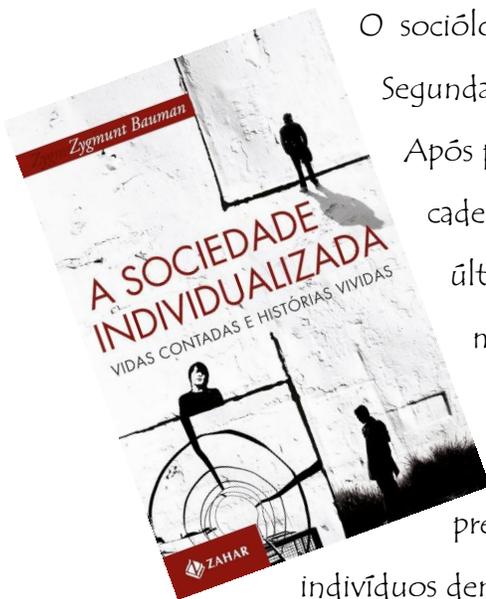


RESENHA

A SOCIEDADE INDIVIDUALIZADA VIDAS CONTADAS E HISTÓRIAS VIVIDAS

Joana Lima Correa¹

Letícia Resende Herculano Coêlho²



O sociólogo polonês, Zygmunt Bauman, fugiu do nazismo durante a Segunda Guerra Mundial e foi para a Inglaterra, onde fixou sua morada. Após perseguição pelo antisemitismo, tornou-se professor emérito da cadeira de sociologia na Universidade de Leeds. Somente após os últimos anos de sua vida, passou a ser reconhecido como um dos mais renomados escritores da *modernidade líquida*, uma vez que suas abordagens analisam a sociedade, o cotidiano e a globalização, de maneira tão atual, que refletem ainda no nosso presente. Na obra em comento, o autor observa os vínculos dos indivíduos dentro de uma coletividade e a divide em três grandes blocos para o estudo: Como Somos; Como Pensamos; e Como Agimos. (BAUMAN, 2001)

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Direitos Sociais e Processos Reivindicatórios do Centro Universitário IESB. Graduação em Direito pela Universidade de Cuiabá. Advogada.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9984-8284>

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Direitos Sociais e Processos Reivindicatórios do Centro Universitário IESB.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-9245-7821>

A presente análise recaiu sobre os últimos pontos do primeiro bloco - Como Somos: Modernidade e Clareza; Sou Por Acaso o Guardião do Meu Irmão?; e Unidos pela Diferença.

Bauman (2001, p. 56) conceitua as palavras *ambivalência*, *ambiguidade* e *equivocidade* e seus sentimentos dúbios e inseguros. De um lado, enfatiza o mistério e o enigma dos conceitos; e, de outro, a incerteza e o estado mental indeciso delas.

As palavras em comento trazem o sentido de incerteza, são contrárias à segurança e à autoconfiança, além de possuírem improvável resultado das ações.

Na visão do autor, o antigo mundo sólido trazia a sensação de segurança, já que tratava de ações habituais e rotineiras. Assim consideramos o mundo como turvo, ou seja, líquido, quando começamos a hesitar - quando as ações rotineiras falham e não podemos mais nos apoiar no corrimão do hábito. (BAUMAN, 2001, p. 56).

A confiança do mundo antigo deve ser melhor observada com um olhar mais

A indecisão da vontade, quando lançada sobre o mundo, reflete como falta de clareza.

Porque a razão, ao trazer a mensagem da indefinição ou da natureza duvidosa do mundo, nos fala sobre a falta de autoconfiança do homem

Bauman

amplo e crítico, inclusive, considerando os problemas envolvendo a sociedade daquela época, em relação ao mundo atual, o qual se apresenta de forma líquida com mais possibilidades de conexões e escolhas (*idem, ibid*).

Bauman afirma que a liberdade está dividida entre a sensação do “que eu posso chegar a fazer” e o sentido do “que eu quero que seja feito” (*idem, ibid*). Assim, a capacidade e o desejo podem coincidir e se misturar em uma firme resolução de atuar.

Quando as possibilidades excedem a capacidade da vontade, surgem os sentimentos de inquietação e de ansiedade; ao contrário, quando a vontade é incompatível com a capacidade de alcançá-la, surgem divergências, com sentimento de recolhimento ou uma desesperada ânsia de escapar (*idem*, p. 57).

A Modernidade Líquida derreteu tudo o que era sólido, rompeu com tudo o que era sagrado e introduziu a era da permanente desarmonia entre as necessidades e as capacidades. Essa é a era da ambivalência e da liberdade. (*idem, ibid*).

Portanto, segundo Bauman (*idem, ibid*), não foi uma “mera coincidência” o surgimento sincronizado da ambivalência, da liberdade e do ceticismo.

O ceticismo teve maior visibilidade no século XVII, com o desgaste das certezas da civilização cristã da Idade Média. Em tempos antigos, o ceticismo trouxe a ideia de que a dúvida universal poderia resultar em uma boa saúde mental. Enquanto, nos tempos modernos, a dúvida não traz paz de espírito, mas pesadelos; pois somos sempre enganados, sendo Deus um enganador, logo não possuímos nenhuma verdade ou certeza (*idem, ibid*).

Por isso, para Helvetius (1979, *apud* BAUMAN, 2001), os homens e as mulheres comuns e ignorantes não possuem a faculdade da crítica, de separar o bem do mal, tarefa essa que fica nas mãos dos legisladores, os quais são capazes de seguir a razão e de promover o bem, desencorajando o mal.

No mesmo sentido, Eric Voegelin (1975, p.51-61 *apud* BAUMAN, 2001, p. 59-60) diz que “[...] a função de regeneração é transformada, para o analista, no papel do legislador que organiza, que irá criar externamente a situação social, que por sua vez induzirá o conformismo externo em relação a padrões morais por meio de um jogo de mecanismos psicológicos com homens desordenados[...]”.

Enquanto Kant, advogado defensor do conceito de homem como “agente livre”, afirmava que quando os filósofos podiam ditar de antemão para o povo o que deveria fazer, não podiam prever o que ele faria (1970, *apud* BAUMAN, 2001, p. 59-60).

Por outro lado, para os governantes, independentemente dos princípios, o que importava eram os resultados. Por isso as acusações sobre eles de inexecutabilidade. Raciocínio esse marcado pela ambiguidade (BAUMAN, 2001, p. 61).

Portanto, o início da modernidade foi marcado pela utopia de um planejamento prévio dos cenários cotidianos, que combinava clareza e uniformidade, sem que houvesse espaço para a incerteza e a duplicidade de pensamentos (*idem.*, p. 62).

A obra idealiza uma construção de cidades utópicas, que davam a sensação da perfeição e nada remetiam ao caos e à ambiguidade. Um estrangeiro, por exemplo, sequer precisaria de ajuda para sua localização e locomoção (*idem.*, p. 63).

A modernidade buscava um roteiro, em outras palavras, a mente moderna visava substituir a história pela legislação e substituir normas legais pelas “leis da história”; concluindo que a mente moderna é a razão legislativa e a prática moderna é a prática da legislação (*idem.*, p. 63).

Freud (1973, p.14-30, *apud* BAUMAN, 2001, p. 59-60) ensinou que “[...] a ordem é uma espécie de compulsão de repetir que um regulamento, quando é estabelecido para sempre, decide quando, onde e como algo deve ser feito, de modo que, em circunstâncias similares, somos poupados da hesitação e da indecisão[...]”. Daí há uma transformação do “princípio de

prazer" no "princípio da realidade". Assim "o princípio da realidade" significa podar o "eu quero" até ficar do tamanho do "eu posso".

Durkheim (1972, *apud* BAUMAN, 2001, p.64) apontou as condições necessárias para a "verdadeira liberdade". A alternativa não era uma liberdade maior, mas a escravidão – o indivíduo, sem coerção social, torna-se uma vítima infeliz de decisões e dos comportamentos errados. Assim o segredo para a libertação está no poder coercitivo da lei. Logo ser livre significa querer o que se pode; desejar fazer o que se deve; e nunca desejar o que não se pode obter. Um indivíduo adequadamente "socializado", "feliz" e "genuinamente livre" é aquele que não experimenta a discrepância nem o conflito entre desejos e capacidades, sem querer fazer o que não pode fazer, mas querendo fazer o que deve fazer.

Bauman assevera que a aplicação do utópico mundo ideal, da perfeição social e do enquadramento legislativo como forma de tolher os pensamentos dúbios, ideias e ideais ambivalentes foi, de uma certa forma, quase que completamente abolida, a não ser quando direcionada para as "classes baixas" e para os "novos pobres" (*idem*, p. 65-66).

Para Santos (2002, *apud* JUNG; NOGARO; SUDBRACK, 2017), o mundo contemporâneo vive um momento de mudança paradigmática, no qual ainda há alguns resquícios da inacabada modernidade, relacionados com solidariedade e participação, numa visão utópica; mas uma utopia relativa, no sentido de imaginar novas possibilidades, que segundo Boaventura:

Por utopia entendo a exploração, através da imaginação, de novas possibilidades humanas e novas formas de vontade, e a oposição da imaginação à necessidade do que existe, só porque existe, em nome de algo radicalmente melhor por que vale a pena lutar e que a humanidade tem direito (2002, p. 154 *apud* SANTOS, 2002, p. 331-332).

Tratando-se de utopia, Bauman tem uma visão mais pessimista e menos utópica da realidade, principalmente quando comparamos com Santos (2002).

Sua obra relata que parte da população está integrada à sociedade contemporânea como consumidora e, não, como produtora; sendo que essa dinâmica só pode permanecer enquanto as carências excederem o nível de satisfações atuais (BAUMAN, 2001, p. 65-66).

Por isso é que a estratégia moderna de combater a ambivalência foi abandonada, exceto quanto às "classes baixas". A permanente desarmonia entre o "eu quero" e o "eu posso", e mais exatamente o excesso de carências para satisfazê-las, está se transformando no guia do estabelecimento social de todos os níveis. Porém, essa desarmonia significa ambivalência e mais ambivalência. Podemos, então, dizer que a sociedade pós-moderna consumista e desregulamentada tem um papel poderoso na manutenção de um alto nível de ambivalência na vida individual. A ambiguidade do contexto de vida é "funcional" para a condição pós-moderna (*idem*, p. 56)

Ulrich Beck (1992, *apud* BAUMAN, 2001, p.66) explicou que falamos de "riscos" sempre que é impossível prever com precisão o resultado de ações, e assim cada decisão é ambígua, e cada desejo de atuar é ambivalente; em outras palavras, o "risco" significa a incurável falta de clareza da situação.

Conclui Bauman que a ambivalência está deixando de ser uma "inimiga pública", tornando-se uma "inimiga privada". Portanto os perigos da ambivalência sofreram um processo de desregulamentação e a tarefa de lidar com os resultados foi privatizada. A ambivalência pode ser, assim como antes, um fenômeno social, mas cada um de nós o enfrenta sozinho, como um problema pessoal (*idem*, p. 66).

Dessa forma somos livres para aproveitar nossa liberdade, mas não para evitar as consequências desse desfrute. Aconselha o autor que, para conter as consequências, precisamos nos voltar para o próprio mercado de bens, serviços e ideias, bem como de conselhos e terapias, que é a principal fábrica produtora de ambivalência, que mantém o mercado vivo. Observe que não há saída para esse círculo vicioso.

Portanto, o romance moderno não acabou, apenas mudou de forma. A grande guerra contra a ambivalência permanece enquanto os consumidores permanecem livres para o mercado.

A principal ideia de Bauman, que é a modernidade líquida, na qual as diversas possibilidades de escolhas, as infinitas opções de caminhos, de um lado tornam os homens livres, segundo as palavras de Kant (1970), mas, ao mesmo tempo, presos em uma imensidão de dúvidas, sentimentos dúbios e falta de confiança nas pessoas e em si próprios.

Permeia ainda um questionamento se o dinheiro influencia o poder de pensar, e a resposta se torna atual de que sim. O recurso financeiro traz às pessoas o poder de pensar, o poder de julgar e até mesmo influenciar legisladores, o que não aconteceria em relação às pessoas de classes mais baixas.

Bauman nota que as preocupações em países diversos são semelhantes e que, de uma forma geral, o Estado de bem-estar social está sob ataque. Surgem críticas no sentido de ser posto na balança quantos dos vulneráveis (desempregados, incapacitados, inválidos), são reaproveitados e inseridos, por exemplo, de volta ao mercado de trabalho produzindo. Qual seria o custo-benefício dos "dependentes sociais"?

O autor elucida um questionamento feito a Deus por Caím em relação ao seu irmão, Abel: "*Sou por acaso o guardião do meu irmão?*" Segundo o filósofo ético, Emmanuel Levinas (1993, *apud* BAUMAN, 2001, p.69), dessa pergunta zangada de Caím começou toda a imoralidade.

Percebemos, com o desenrolar do texto, que de fato somos guardiões dos nossos irmãos, pois o bem-estar do meu irmão depende do que eu faço, ou do que me abstenho de

fazer. A dependência de meu irmão é o que me faz um ser ético. A dependência e a ética estão juntas e juntas elas caem.

O bem-estar social é a junção de intenções éticas; de lutas travadas pelos sindicatos e partidos trabalhistas, ao exigir seguros coletivos do Estado e do desejo político de desarmar qualquer atrito e evitar a possível rebelião contra a ameaça.

Além de tal combinação, foi necessário manter a união entre capital e o trabalho “prontos para o mercado”. Para que a economia capitalista funcionasse, o capital deveria ser capaz de comprar o trabalho. (BAYNABM 2001, p. 70).

No desenvolvimento capitalista, a taxa de crescimento e de lucro era proporcional ao volume de trabalho no processo produtivo. O mercado capitalista era marcado por seus altos e baixos, por períodos de expansão seguidos de depressões espaçadas; assim, nem toda mão de obra disponível podia ser empregada o tempo todo, era o “exército de reserva de trabalhadores” – a condição deles era definida não pelo que eram no momento, mas por aquilo em que estavam dispostos a se transformar quando o tempo chegasse (*idem*, p. 71).

Essa foi a era do trabalho e dos exércitos de conscritos em massa, a nação só estaria segura de sua força se todos pudessem ser levados às fileiras do trabalho industrial ou do Exército. A capacidade de trabalhar e lutar de seus cidadãos era a condição *sine qua non* da soberania do Estado e do bem-estar de seus súditos. Ninguém precisou ser convencido de que o dinheiro deveria ser gasto com bem-estar social.

Atualmente, na Modernidade Líquida, os empregos em massa acabaram, assim como o exército de conscritos. Com o progresso tecnológico, as empresas investem mais em modernidade, como forma de cortar os empregos, e as bolsas de valores de todo o mundo recompensam de imediato as empresas que empreendem no “achatamento” ou no “redimensionamento” e reagem com nervosismo diante de notícias de uma taxa de desemprego decrescente (*idem, ibid*).

As pessoas desempregadas hoje não são mais um “exército de reserva de trabalho”, assim como um homem adulto não é mais reservista do Exército prestes a ser chamado (*idem*, p. 72).

Bauman alerta, ainda, para o fato de que essas pessoas não pertencem a classe alguma, ou melhor, são definidas como pertencentes a uma subclasse, que seria dos inúteis para a economia e, mesmo como consumidores, não possuem cartão de crédito, cheque especial ou qualquer tipo de crédito bancário.

O sociólogo alemão Ulrich Beck (1999, *apud* BAUMAN, 2001) publicou um estudo que, em cerca de dez anos, um a cada dois europeus capacitados a trabalhar estará ostentando um emprego regular em tempo integral, enquanto a grande maioria não poderá gozar da mesma segurança. Da mesma maneira, observou Daniel Cohen (1997, *apud* BAUMAN, 2001), famoso economista, qualquer um que tivesse ingressado nas fábricas da Ford ou da Renault poderia contar em ficar ali até o fim de sua vida de trabalho, enquanto as pessoas que conseguem um emprego lucrativo nas empresas de Bill Gates não têm a menor ideia de onde estarão no ano que vem.

O restante de nós ganhará a vida ao “estilo brasileiro”: por meio de um trabalho ocasional de curto prazo, informal, sem garantias contratuais e sem pensão ou direitos compensatórios, mas com a possibilidade de ser interrompido de uma hora para outra, segundo a vontade do empregador (BAUMAN, 2001, p. 73).

Há de se destacar que, no Brasil, a nova classe de trabalhadores entende que um empregado celetista é um retrocesso, pois, segundo eles, não existe garantia de emprego no trabalho, ainda que formal; e, ainda, os tributos pagos por um empregado são um desperdício, tendo em vista a possibilidade de esses valores retornarem ao próprio empregado (*idem, ibid*)

Assim, se Ulrich (1999, *apud* BAUMAN, 2001) estiver certo em relação ao seu estudo, os esquemas populares de “bem-estar para os que trabalham”, destinados a tornar o Estado de

bem-estar social redundante, não são medidas que visam melhorar a situação dos pobres, mas sim estratégias feitas para removê-los do registro de problemas sociais e éticos, por meio de uma reclassificação.

Na definição popular norte-americana, os membros das classes baixas estão em um mesmo patamar: mães solteiras, jovens expulsos das escolas, viciados em drogas e criminosos em liberdade condicional. Eles estão unidos em uma mesma seção por serem uma “carga para a sociedade” e seria muito melhor se desaparecessem.

Poucas pessoas diriam que não mudariam nada na vida se tivessem chance. Nossa sociedade de risco enfrenta uma tarefa assustadora quando se trata de conciliar seus membros com os riscos e pavores da vida cotidiana. É nessa tarefa que os pobres, a subclasse, não têm tanta dificuldade, já que a única alternativa é “permanecer no jogo”, então os riscos de um mundo flexível e com uma incerteza perpétua parecem um pouco menos repulsivos e insuportáveis, já que não há outra opção possível. Assim, psicologicamente, tudo depende da desgraça e da miséria dos pobres excluídos, pois quanto mais miserável e desgraçado o conjunto dos pobres é, menos miseráveis nos sentimos.

Bauman afirma que o miserável que depende de auxílio para viver não se preocupa com o dia de amanhã, pois terá o seu benefício, mesmo que “magro”, creditado mês a mês. Diferentemente do trabalhador que luta diariamente com o risco da demissão com o risco de se tornar um miserável. Portanto estaríamos de volta à estaca zero, uma vez que a ética, que andava lado a lado da razão, passou a andar sozinha, tornando a razão, então, vulnerável.

A pergunta feita no título deste capítulo “Sou por acaso o guardião do meu irmão?”, a qual teria sido respondida a princípio, volta a ser suscitada (BAUMAN, 2001, p. 75).

Apesar do clamor para convencer a sociedade da importância de um Estado de bem-estar social, não se vê sucesso na maneira de fazê-lo. Bauman diz que se deve reafirmar de

maneira audaz e explícita, a razão ética para o Estado de bem-estar social – a única razão necessária para que ele justifique sua presença numa sociedade humana e civilizada.

Exemplificando, mede-se a capacidade de carga de uma ponte pela força de seu pilar mais fraco. Desse modo, a qualidade humana da sociedade deveria ser medida pela qualidade de vida de seus membros mais fracos. Assim a responsabilidade que as pessoas assumem pela humanidade dos outros mede o padrão ético de uma sociedade; sendo essa a única medida que o Estado de bem-estar social pode proporcionar. Essa medida pode se mostrar insuficiente para ganhar o nosso respeito, mas é também a única medida que resolve essa situação sem ambiguidades e fala a seu favor.

Ser o guardião de seu irmão é uma sentença perpétua de trabalho duro e anseio moral que nenhuma tentativa será capaz de anular. Certamente, é uma notícia ruim para quem busca paz e tranquilidade; mas boa para quem é altruísta, ou para um assistente social, por exemplo.

O futuro do serviço social em geral, do Estado de bem-estar social, não depende das medidas tomadas hoje. Depende de padrões éticos da sociedade, porém são esses padrões éticos que hoje estão em crise, na linha de frente da cruzada ética.

Não há uma boa razão pela qual deveríamos ser os guardiões de nossos irmãos, pois, em uma sociedade orientada pela utilidade, os pobres, inúteis e sem função, não podem contar com provas racionais de seus direitos à felicidade.

Logo é necessário admitir que não há nada de “razoável” em assumir responsabilidades, preocupar-se em ser moral. A moralidade tem apenas a ela mesma para se apoiar: é melhor se preocupar do que lavar as próprias mãos, melhor ser solidário com a infelicidade do outro do que ser indiferente, é muito melhor ser moral, mesmo que isso não faça as pessoas mais ricas nem as companhias mais lucrativas.

É uma decisão centenária, a qual consiste em assumir a responsabilidade de nossas ações, bem como a decisão de medir a qualidade da sociedade pelos nossos padrões éticos.

O título do capítulo traz uma reflexão sobre a sociedade atual, se seríamos guardiões dos nossos irmãos. Em um mundo ideal, entendemos que sim. Mas, no mundo atual, vemos que não. Os maiores cuidando dos menores. Os mais fortes cuidando dos mais fracos. Os suficientes cuidando dos hipossuficientes, ou pelo menos demonstrando mínima compaixão e humanidade. Podemos trazer exemplos de dentro da sociedade que demonstram o quanto precisamos refletir sobre ser cuidadores dos nossos iguais. O assassinato do índio Galdino, da comunidade Pataxó, queimado vivo por ter sido confundido com um morador de rua; espancamentos diários contra homossexuais e prostitutas, sob argumentos que tentam diminuir a humanidade dos agredidos e isentar sob essa escusa a hediondez dos casos. De fato, ser guardião dos nossos irmãos é trabalhoso, mas nos dignifica como ser humano e sociedade.

A vida contemporânea é permeada por fortes sinais que contribuem para um sentimento de incerteza.

Segundo o Bauman (2001), alguns dos fatores responsáveis por esse sentimento de incerteza são:

1) *A ordem*. Explica James Der Derian (2000, *apud* BAUMAN, 2001) porque a ordem importa tanto nos dias atuais e, para exemplificar, utiliza a declaração feita por George Bush, após o colapso do império soviético, de que o novo inimigo seria a incerteza, a imprevisibilidade e a instabilidade. Neste contexto, a ordem seria a tentativa de colocar as coisas em seus devidos lugares, com controle e administração.

Depois de meio século de divisões nítidas e objetivos claros, apareceu um mundo desprovido de estrutura visível e de qualquer lógica. Enquanto o medo de uma poderosa política de blocos dominava e aterrorizava o mundo pelas coisas que ela poderia fazer, o novo sistema

assombra pelo desconhecido, coberto de incertezas, falta de consistência e direção, vez que não consegue prever, gerir e mitigar a pobreza ou conter a violência e o genocídio.

Os países ricos, porém, perturbados, preocupados e sem confiança, confrontam o resto do mundo, que não está mais disposto a seguir a definição deles de progresso e felicidade. No entanto, os países mais pobres ficam cada dia mais dependentes deles para preservar a felicidade ou a simples sobrevivência. O antigo centro de civilização aparece, com cada vez mais frequência, no papel de fornecedor de armas necessárias para conduzir guerras tribais pelo mundo. Talvez o conceito de uma "barbarização secundária" se resuma melhor no impacto geral das metrópoles de hoje na periferia do mundo (*idem*, p. 81).

2) *Desregulamentação universal*. Consiste na prioridade de concessão à irracionalidade e à cegueira moral da concorrência de mercado, a liberdade sem limites dada ao capital e às finanças em troca de outras liberdades e a eliminação das redes de segurança social deram impulso ao processo de polarização dentro e fora das sociedades.

A desigualdade mundial está alcançando patamares altíssimos. A Europa rica tem 3 milhões de desabrigados, 20 milhões de pessoas desempregadas e 30 milhões vivendo abaixo da linha da pobreza.

Bauman traz em seu texto alguns dados, como, por exemplo, que a riqueza atual conta com 358 dos bilionários globais, enquanto há 2,3 bilhões de pessoas mais pobres, o que corresponde a 45% da população do mundo.

Orienta o autor que os efeitos psicológicos vão muito além das pessoas necessitadas e evidencia que poucas pessoas podem, de fato, estar seguras em seus lares e trabalhos, pois nenhum emprego é garantido, nenhuma posição é segura e nenhuma habilidade tem utilidade duradoura.

Reconhece que os direitos humanos não estão diretamente relacionados à aquisição de emprego ou ao direito ao cuidado e à consideração de méritos passados, vez que todos esses atributos podem simplesmente sumir do dia para a noite.

3) *As outras redes de segurança, do tipo autotecidas e automantidas.* São consideradas, pelo autor, como uma segunda linha de trincheira, tendo como estrutura basilar de apoio a família, os amigos e os vizinhos. Em contrapartida, nos dias atuais, tais pilares se encontram enfraquecidos e desgastados. De acordo com Anthony Giddens, o “novo estilo de política de vida” afeta diretamente as relações interpessoais, das quais o consumismo faz parte diretamente. Nota que tais relações deixam de ser duradouras, tornando-se imprevisíveis e superficiais (1992, *apud* BAUMAN, 2001, p.82)

4) A incerteza radical no âmbito material e social é o que a indústria da imagem nos oferece. Assim a mensagem transmitida pela mídia cultural é lida com facilidade por seus receptores, a qual é: tudo pode acontecer e tudo pode ser feito, mas nada pode ser feito apenas uma única vez e durar para sempre – e seja lá o que for que aconteça, chega sem anunciar e vai embora sem avisar (BAUMAN, 2001, p.83).

Bauman critica que as identidades humanas se dividiram, cada uma desenhando seu próprio significado, ao invés de construírem uma identidade de maneira gradual e paciente, como se constrói uma casa. Considera que as identidades podem ser facilmente apagadas e reescritas, de acordo com a necessidade adaptativa.

Certamente, segundo o autor, essas são algumas, embora não todas, as dimensões da incerteza pós-moderna. Viver em condições de grande incerteza é uma experiência desanimadora; estremecemos com as possibilidades infinitas, assim como hesitamos quando nos deparamos com uma escolha; estremecemos ao pensar que razões que hoje parecem

sensatas podem se revelar grandes erros amanhã; não sabemos mais o que o futuro nos reserva, e menos ainda sabemos como forçá-lo a entregar o que queremos que ele ofereça.

Incerteza, hesitação e falta de controle resultam em ansiedade, que é o preço pago por novas liberdades individuais e novas responsabilidades. Por mais agradáveis que tais liberdades possam ser em outros aspectos, muitas pessoas acham que o preço é alto demais para pagá-lo de boa vontade. Seria benéfico se pudéssemos optar por um mundo menos complexo e, portanto, menos assustador; por um mundo de simples escolhas, onde as recompensas são garantidas e os sinais de uma boa escolha são claros e inconfundíveis; um mundo em que não se esconderiam mistérios e que não nos surpreenderia. No entanto a liberdade verdadeira, sem estar atrelada a qualquer garantia, é de fato tentadora e, muitas vezes, difícil de ser recusada.

São menores as chances de transparência e simplicidade almeçadas para os moradores das cidades modernas, pois as cidades têm sido lugar de estrangeiros. O significado de estrangeiros não é transparente, pois não se sabe ao certo como estes responderão aos atos da sociedade, se são "amigos" ou "inimigos". Conforme Bauman, são consideradas forasteiras pessoas que "não são como nós" e podem ser condicionadas a permanecer em seus próprios alojamentos, de maneira que possamos evitá-las; podem também ser destinadas a certos empregos e serviços e serem separadas e controladas de uma forma segura para o fluxo de vida diária normal.

Embora haja uma tentativa de "normalização" ou "ritualização" da presença estrangeira, praticada com algum sucesso pelas cidades modernas, não seria tão eficaz na nossa era de grandes migrações, uma vez que os estrangeiros estão em grande número, sendo impossível o controle total para mantê-los a certa distância. Afirma ainda que, apesar de não razoável, a sociedade atual tem medo desses "novos estrangeiros".

Algumas cidades são consideradas diversificadas e heterogêneas e, em alguns pontos, sem qualquer fronteira ou divisão aparente entre áreas de estrangeiros e de outras pessoas. É

fato que essa divisão gera ódio e mostra o poder nocivo desses estrangeiros, sendo esses sentimentos demonstrados com intensidades e graus variados, a depender do local e da categoria de residentes. O lar de alguns é um terreno hostil para outros. Isso é assim porque a liberdade de movimento dentro da cidade se tornou o principal fator de estratificação.

Os habitantes da cidade estão estratificados de acordo com a possibilidade de ignorar a presença de estrangeiros e diminuir os perigos comuns dessa presença. A questão principal apontada é que, por falta de recursos, muitos residentes, sem escolhas, acabam por ser confinados em áreas "guetizadas" (BAUMAN, 2001, p. 85).

O texto demonstra quem de fato tem a liberdade de ir e vir, mesmo que em seus carros-fortes, à prova de arrombamentos, com vidros blindados, permitindo que fiquem afastados dos espaços onde os tais estrangeiros se encontram. Desse modo conclui-se que a vida na cidade tem significados variados para as diferentes pessoas e, tratando-se da experiência dos habitantes pós-modernos das cidades, existe uma dupla liberdade, que é uma condição básica, qual seja: a de mover-se para qualquer lugar e a de ignorar seletivamente.

Fato é que os significados, assim como as experiências distintas, trazem uma visão de mundo e estratégias de vidas variadas. Jonathan Freedman sugere em sua reavaliação das teorias de "hibridização cultural", "[...]a mistura de culturas é um produto de identificações vindas de cima/fora das vidas daqueles, cujas existências são assim ordenadas. E como esse de fora/cima é uma posição social, a questão de classe se torna crucial para entender o que está acontecendo[...]" . Resume, então: "A lógica que se desenvolve em vizinhanças de classe baixa é provavelmente de natureza distinta daquela que se desenvolve entre os altamente educados viajantes do mundo das indústrias da cultura". A "hibridez" experimentada pela elite "é diametralmente oposta à balcanização e à tribalização experimentadas na base do sistema". (FREEDMAN, 1999, p.241, apud BAUMAN, 2001, p.86)

Bauman alude que, para alguns, ainda que em suas redomas intocáveis – o “estranho” é atraente. Os estrangeiros têm restaurantes que prometem experiências incomuns e estimulantes, vendem objetos misteriosos e curiosos, adequados para serem os tópicos das conversas da próxima festa, oferecem serviços que outras pessoas não se rebaixariam ou não se dignariam a oferecer, apresentando produtos ou serviços diversos dos rotineiros e tediosos.

Observe a importância versus insignificância dos estrangeiros, que são os “fornecedores de prazeres”, tratando-se de prestação de serviço, pois eles estão ali, prontos para realizar o serviço que outras pessoas não se prestariam a fazê-lo. Enfim o dinheiro, o único cacife para assegurar a liberdade de escolha, moeda legal na sociedade de consumo, está escasso ou é diretamente negado a eles.

Phil Cohen (1993, *apud* BAUMAN, 2001, p.87), em seu estudo sobre chauvinismo (patriotismo fanático) e racismo contemporâneos, revela que toda xenofobia, étnica ou racista, toda colocação do estrangeiro como um inimigo, como uma fronteira externa para a soberania individual ou coletiva, tem a concepção idealizada de lar seguro como metáfora que lhe dá sentido. A imagem de lar seguro transforma a rua em o “lado de fora do lar”, num terreno repleto de perigos; os habitantes desse lado de fora se transformam nos portadores da ameaça – que precisam ser contidos, afugentados e mantidos longe.

O potencial ameaçador do estrangeiro avança quando a liberdade dos indivíduos, enfrentada com o dever da autoafirmação, declina. Com os conflitos aparentes, a dualidade do status socialmente produzido dos estrangeiros continua inabalada.

De um lado, a “estrangeiridade” continuará sendo construída como uma fonte de experiências prazerosas e de satisfação estética; de outro, os estrangeiros são encarados como uma encarnação aterrorizante da fragilidade e da incerteza da condição humana.

Em suma, o medo de estrangeiros, a militância tribal e a política de exclusão se originam na polarização da liberdade e da segurança. Isso ocorre porque, para a população, essa

polarização significa impotência e insegurança crescentes, que impedem o novo individualismo, que na teoria promete entregar, mas falha. Não é só a renda e a riqueza, a expectativa de vida e as condições de vida, mas o direito à individualidade que está sendo cada vez mais polarizado. E, enquanto permanecer assim, existe pouca chance de se livrar dos estrangeiros e uma ampla oportunidade para a tribalização da política, a limpeza étnica e a balcanização da coexistência.

Por certo que a obra tenta interpretar o momento atual e cultural, além da estrutura social em que vivemos. Bauman, crítico pós-moderno, traz em sua totalidade uma visão tenebrosa dos dias atuais, a leitura se torna pesada por se tratar de realidade que preferimos não ver. Em diversos momentos se torna repetitiva e enfática, quando trata da liquidez da sociedade.

Neste quadro, a prática do "eu" sobrepõe a prática do "nós" de uma sociedade; os relacionamentos e laços se tornam frágeis e quebradiços. As mídias sociais, por exemplo, se tornam mecanismos de "fazer amizades" de uma maneira veloz e eficaz, sem que as partes sintam culpa ao "desfazer" essas conexões ou amizades em apenas um clique.

A busca do homem por liberdade é crescente e, de alguma forma, não abre espaço para elos, relacionamentos e raízes duradouras. As casas são as novas fortalezas, os vínculos são os virtuais, a miséria do outro e a diferença já não nos interessam, o dinheiro, aos que têm, são as armas para combater os seus principais interesses.

Ao final, as afirmações nos trazem uma terrível constatação: Bauman é enfático e cruel ao nos constranger com suas verdades. Mostra uma crise que está sendo vivida no Estado do bem-estar social e nas relações entre as pessoas, pela falta de solidariedade e apoio uns para com os outros.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

JUNG, Hildegard Susana; NOGARO, Arnaldo; SUDBRACK, Edite Maria. **O Mundo Líquido que Desorienta os Mapas:** Aspectos da pós-modernidade em Boaventura de Sousa Santos e Zygmunt Bauman para resgatar a utopia na educação. Canoas: Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), 2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente:** Contra o desperdício da experiência. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002.